

Relação interlocutiva entre brasileiros e imigrantes estabelecidos no Brasil: *implicação do domínio de uma modalidade de gênero de diálogo do cotidiano*

Interlocutive relationship between Brazilians and immigrants established in Brazil:
implication of the domain of a gender modality of daily dialogue

Anselmo Pereira de Lima

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/ Brasil)

Maria de Lourdes Bernartt

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/ Brasil)

Anaís Andrea Neis de Oliveira

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/ Brasil)

RESUMO

Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma análise que visa compreender a diferença existente entre o domínio da língua em termos linguístico-gramaticais e o domínio de um determinado gênero e/ou modalidade de gênero discursivo, bem como a implicação desse domínio no processo de construção de sentido na relação interlocutiva. Amparados em particularidades teóricas de Bakhtin (2003) e Selinker (2014), com foco nas questões de contexto de produção de enunciados/discursos e na relação interlocutiva como fatores determinantes do gênero, procuramos compreender a dinâmica desse processo em uma modalidade específica de gênero discursivo: o diálogo do cotidiano entre falantes de diferentes idiomas. Durante as análises, três tipos de relações interlocutivas modalizadas por atores em diferentes papéis sociais foram identificadas nas falas dos dois voluntários entrevistados, sendo um campo fértil de análise da influência dessas relações no estabelecimento ou não

* Sobre os autores ver página 100-101.

de sentido entre os interlocutores. Nosso material de análise é, portanto, um corpus de texto transcrito produzido durante entrevista com dois indivíduos imigrantes estabelecidos em Francisco Beltrão – PR, Brasil. A apreciação dos dados é de cunho qualitativo e comparativo. A análise dos enunciados produzidos pelos indivíduos entrevistados nos auxilia na compreensão da teoria bakhtiniana sobre relação interlocutiva entre atores em seus papéis sociais e a implicação do domínio de um gênero discursivo como situação partilhada e fator relevante para a negociação/produção de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Contexto de produção. Imigrantes. Interlíngua. Negociação de sentido.

ABSTRACT

The present work shows first results from an analysis aiming to understand differences between linguistic and grammatical mastery of a language compared to the mastery of a particular speech genre and/or modality of speech genre, as well as how speech genre mastery implies in the process of meaning-production during interlocutive relationship. Relied on theoretical peculiarities from Bakhtin (2003) and Selinker (2014), focusing on issues such as speech/enunciation production and the interlocutive relationship as determinant factors for the genre, we tried to understand the dynamics of the process departing from a specific modality of speech genre namely the daily dialogue between speakers of different languages. Material analysis made us recognize in the speeches of the interviewed volunteers three types of interlocutive relationships associated to actors in different social roles as fertile ground to the study of the influence of such relations in the meaning establishment (or not) between interlocutors. Our material for the investigation is, thus, the transcription of an interview with two immigrant individuals established in Francisco Beltrão – PR, Brazil. Data assessment is of qualitative and comparative nature. The analysis of enunciations produced by the interviewed volunteers helped us to understand the bakhtinian theory over interlocutive relationship between actors in their social roles and the implication of the mastery of a discursive genre as a shared condition and relevant factor for meaning production and meaning negotiation.

KEYWORDS: *Production context. Immigrants. Interlanguage. Meaning negotiation.*

1 Introdução

Com o aumento significativo do número de estrangeiros que se estabelecem no Brasil, como contexto geral, e nos municípios do sudoeste do Paraná, como contexto particular, motivamo-nos a estudar imigração como temática levando em conta os relatos de dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no seu processo de engajamento ao novo contexto sociolinguístico, processo esse iniciado logo após sua chegada em solo brasileiro.

Conforme dados de dezembro de 2014, do Ministério do Trabalho e Emprego e do Conselho Nacional de Imigração, há vários anos, o Brasil passou a ser destino escolhido de muitos estrangeiros por razões diversas, as quais não pretendemos debater neste artigo. Entre 2013 e 2014 o número de pedidos de residência de estrangeiros no Brasil passou de 3.306 para 4.496. (MTE, 2014, p. 13).

Nos relatos dos imigrantes sobre suas dificuldades de adaptar-se ao novo contexto social, dados de pesquisas de Fernandes e Castro (2014, p. 65) a respeito de haitianos estabelecidos em outras regiões do país chamam nossa atenção às questões relativas ao **idioma**, fator que aparece no topo da lista de dificuldades, **representando uma fatia de 56,5%**, seguido de dificuldades de outras esferas de atividades como: emprego (48,2%), habitação (42,1%), formação (30,6%), regularização migratória (22,4%), saúde (21,5%), discriminação (20,6%) e segurança social (16,8%).

Embora os dados acima tenham sido extraídos de pesquisa envolvendo uma única etnia, interessa a nós o entendimento de que mesmo nos casos de imigrantes de etnias diferentes da apresentada, todos enfrentam, em maior ou menor grau, dificuldades de engajamento sociolinguístico a partir do momento em que ingressam em um novo país.

Uma fonte de sustentação desse entendimento reside na teoria sobre Interlíngua, desenvolvida por Selinker em um artigo publicado em 1972 e, desde então, muito estudada nesses mais de quarenta anos. Selinker (2014, p. 223) define interlíngua como algo compartilhado por todo aprendiz de uma língua, em tradução livre de suas palavras, é definida como o “espaço linguístico cognitivo que existe entre a língua materna/nativa e aquela que alguém está aprendendo. Interlínguas são línguas não nativas que são criadas e faladas sempre que há contato de linguagem.”.

Assim, embora as dificuldades relatadas por imigrantes sejam de vários cunhos, as que nos propomos a estudar são as que se relacionam ao engajamento linguístico desses indivíduos, justamente por perceber o desenvolvimento linguístico como garantia básica de autonomia e de desenvolvimento real de cidadania que pode gerar um impacto positivo em todas as outras esferas de suas atividades.

Assim, considerando *dificuldades de engajamento linguístico dos imigrantes estabelecidos no Brasil* como um problema a ser estudado e partindo dos próprios enunciados produzidos por dois imigrantes entrevistados, apresentaremos, a seguir, alguns de seus relatos que, sob o prisma bakhtiniano, podem nos auxiliar a responder à seguinte pergunta de pesquisa: Além do domínio da Língua Portuguesa em termos de léxico e de gramática, o domínio de gêneros também influencia a negociação de sentidos entre imigrantes estrangeiros e brasileiros nativos?

Para melhor compreensão dos temas a serem articulados, este estudo se divide em quatro partes: apresentação da metodologia utilizada, fundamentação teórica, análise e discussão dos dados e, por fim, nossas considerações finais.

2 Metodologia

Para esta breve pesquisa, utilizamos como método de produção de dados a entrevista gravada com perguntas de cunho aberto feita a dois

imigrantes estrangeiros, os quais foram indagados sobre tempo de residência no Brasil e na cidade de Francisco Beltrão, e sobre sua adaptação à linguagem no novo contexto social. Os enunciados produzidos foram posteriormente transcritos em forma de texto, com base nas normas de transcrição de Preti (1999), para facilitar a identificação de elementos de análise. A gravação teve duração de 14min04, tempo que coincide com o tempo da entrevista. A escolha dos entrevistados se deu pelo fato de ambos serem estrangeiros, maiores de dezoito anos, que fazem uso da Língua Portuguesa em contextos sociais e educacionais aqui no Brasil, além de ambos terem escolhido a cidade de Francisco Beltrão, sudoeste do Paraná, como local de residência permanente. A localização e o contato com os entrevistados foram possibilitados com o auxílio do Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão.

Quanto à técnica de apreciação dos dados, utilizamo-nos essencialmente das teorias de Bakhtin (2003) sobre os gêneros do discurso, apoiando-nos também nos aportes vygotkianos (1991) relativos ao desenvolvimento humano e na contribuição da teoria de Selinker (2014) sobre interlíngua. Por meio de tal análise, procuramos identificar se os elementos teóricos podem ser reconhecidos nas representações de nossos entrevistados, ou seja, em seus enunciados reais mobilizados e se, em caso afirmativo, são capazes de responder à nossa pergunta de pesquisa.

Assim, na sequência do trabalho, apresentamos a fundamentação teórica essencialmente bakhtiniana.

3 Fundamentação teórica

Partindo da perspectiva bakhtiniana (2003, p. 261) de que “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, e de que nos discursos concretos a vida passa a integrar a língua por meio de enunciados e vice-versa (BAKHTIN, 2003), é nos próprios enunciados que buscamos a fonte para a compreensão das relações humanas e das formas de produção e negociação de sentidos construídos no diálogo. Tal busca parte da consciência de que o que se apresenta à nossa frente não é a realidade em sua essência e sim, uma porção dela, um movimento refletido de percepções representadas nas falas de indivíduos ativos.

Bakhtin (2003) apresenta sua teoria sobre os gêneros do discurso tratando o enunciado como a unidade real da comunicação verbal, um “núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2003, p. 265) e pleno de *tonalidade dialógica*. Em seu entendimento, todo enunciado é constituído por três elementos indissolivelmente ligados, a saber: o conteúdo temático, que representa o assunto do discurso; o estilo da linguagem, que pode seguir padrões mais ou menos pessoais e/ou convencionais; e acima de tudo a sua construção composicional, especificamente determinada pelo campo da comunicação.

A tonalidade dialógica do enunciado é compreendida por estar sempre em função de comunicar e interagir com o outro. Bakhtin (2003, p. 296) refere-se ao enunciado concreto como um “[...] elo na cadeia da comunicação discursiva” cujos próprios limites são “determinados pela alternância dos sujeitos do discurso”. Os enunciados são plenos de ecos e ressonâncias, eles não se bastam a si, visto que respondem a enunciados precedentes ao passo que

antecipam enunciados futuros. (BAKHTIN, 2003). Em suma, esses enunciados ou discursos são sempre produzidos por atores que compõem relações interlocutivas e, assim, é sob o prisma de tais relações que escolhemos analisar os discursos de nossa unidade amostral.

Uma observação crucial para nosso estudo é o entendimento de que durante a comunicação ou produção de discursos desses interlocutores “Não se intercambiam orações como se intercambiam palavras (em rigoroso sentido linguístico) e grupos de palavras; intercambiam-se enunciados que são construídos com o auxílio das unidades da língua” (BAKHTIN, 2003, p. 278). Nesses enunciados, cada ator expressa uma mensagem composta por certa completude e acabamento, deixando sutilmente que seu interlocutor saiba que disse aquilo que queria ter dito.

O mesmo autor (BAKHTIN, 2003, p. 262) advoga que embora todo enunciado seja particularmente original, “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. ” (grifos do autor). E que as trocas linguísticas, então, se dão por meio de formas típicas de enunciados realizados “*na escolha de um certo gênero de discurso* [...] determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, [...] pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 282. Grifos do autor).

A respeito dessas duas últimas colocações, sobre o intercâmbio de enunciados e sua elaboração atrelada à escolha de um certo gênero de discurso, propomos o seguinte questionamento: numa relação interlocutiva qualquer em que dois ou mais interlocutores tenham um bom domínio da língua, em termos de léxico e gramática, mesmo que tenham habilidade satisfatória para discernir sobre a escolha do gênero discursivo, terão eles sempre o domínio suficiente do gênero escolhido para poder desenvolver enunciados plenos em termos de conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional?

Nosso juízo é o de que a resposta corresponde a uma negativa, principalmente pelo entendimento de que o domínio dos gêneros do discurso passa a ser consciente por meio da experiência e vivência nas mais diversas esferas da atividade humana. O próprio Bakhtin (2003, p. 283) afirma que “Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero [...]” e assim, o termo “aprender”, aqui, revela que o domínio dos gêneros requer uma prática e que a partir dela nos tornamos familiares com o gênero ao ponto de, como continua Bakhtin, ouvirmos o discurso alheio e já adivinharmos o seu gênero pelas primeiras palavras, “[...] adivinhamos um determinado volume (isto é, uma construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a percepção do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. ”. Para ele, se os gêneros do discurso não existissem ou se não fossem dominados, “[...] a comunicação discursiva seria quase impossível. ”. (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Toda prática, todo o contato com um conhecimento ainda não dominado, um conhecimento em potencial, gera a possibilidade de que o ser humano se desenvolva e passe para um novo patamar de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991). Do mesmo modo, considerando a indissociabilidade da língua e da atividade humana em sociedade, a prática e conseqüente domínio

dos gêneros discursivos possibilita o desenvolvimento humano em termos sociolinguísticos.

Nesse interstício entre o aprender e o dominar uma nova língua, Selinker (2014) nos lembra que aprendizes criam uma interlíngua durante a tentativa de produção de sentidos. Essa “interlíngua” nos permite reconhecer a existência de uma situação partilhada pela grande maioria de aprendizes de novos idiomas e nos remete ao entendimento de uma situação linguística relativamente estável, visto que o próprio Selinker admite a existência de grande variação de interlinguagens como um de seus fenômenos mais estudados. Para o autor (2014, p. 223) as “Interlínguas são altamente estruturadas, contendo novas formas. Elas resultam da tentativa de produção da língua-alvo e nunca são perfeitas quando mensuradas nos termos da língua-alvo, mas se desviam de modo estruturado.” (Tradução nossa).

Retomando a caracterização dos gêneros do discurso, Bakhtin (2003) também os subdivide em dois tipos essenciais, os gêneros primários e os gêneros secundários. Os primários correspondem às composições mais simples e ligadas principalmente a situações cotidianas. Já, os secundários surgem de convívios sociais mais elaborados ou “relativamente desenvolvidos”, como pontua o autor. Em sua formação, os gêneros secundários “[...] incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Por conta das características dos dados coletados para esta pesquisa, nossa análise gira em torno de compreender a relação interlocutiva de uma modalidade específica pertencente ao gênero discursivo primário. Optamos pelo termo “modalidade” por ser o mesmo encontrado na obra de Bakhtin que ora tomamos como fundamento teórico.

Assim, considerando o fato de a “diversidade das modalidades de diálogo cotidiano” serem extraordinariamente grande, é mister que compreendamos qual modalidade nosso estudo pretende abarcar. (BAKHTIN, 2003, p. 262). Para tal, no próximo tópico deste trabalho, tratamos de apresentar a modalidade genérico-discursiva por nós reconhecida e proposta para este estudo. Também prosseguiremos com a análise dos dados coletados.

4 Análise e discussão

Como a teoria nos propõe, o gênero do discurso pode ser reconhecido pela “[...] especificidade de um determinado campo da comunicação.” (BAKHTIN, 2003, p. 262), bem como pela relação existente entre os interlocutores participantes de uma situação real de comunicação.

No caso deste estudo, destacamos a referência da própria relação interlocutiva ocorrida no momento da entrevista, entre a pesquisadora (P) e os entrevistados (E), além da referência a relações interlocutivas não-presentes, ou seja, as que apareceram representadas nas falas dos entrevistados. Iniciaremos exemplificando estas últimas.

Ao serem indagados sobre sua adaptação ao novo contexto social, ambos os entrevistados, trataram de relatar diversas situações em que participavam de diálogos do cotidiano (compreendidos como pertencentes ao gênero discursivo primário) na relação interlocutiva de atores representando os seguintes papéis sociais: imigrantes estrangeiros estabelecidos no sudoeste do

Paraná, cuja língua materna principal não é o Português; brasileiros nativos com experiência linguística unicamente com a Língua Portuguesa; e outras pessoas, brasileiros ou não, que já participaram de situações de comunicação com estrangeiros, independentemente do idioma dominado ou da língua materna. Durante a entrevista, não houve menção a situações envolvendo discursos e ou enunciados pertencentes ao gênero secundário.

Pelas características de campo de comunicação e pelos tipos relações interlocutivas exemplificadas nas falas, pudemos deduzir a modalidade genérico-discursiva, a qual propomos denominar como *diálogo do cotidiano entre falantes de diferentes idiomas*, cuja análise a ser apresentada residirá nos enunciados produzidos pelos imigrantes estrangeiros entrevistados contendo relatos sobre situações vividas no cotidiano, após sua chegada ao Brasil, sobre algumas de suas experiências de produção e negociação de sentido em situações de comunicação com brasileiros e/ou estrangeiros cujas línguas maternas são diversas das suas.

Para facilitar o processo de transcrição dos enunciados e preservar a identidade dos voluntários, doravante identificaremos a pesquisadora como P e os entrevistados como E1 e E2. Ambos aceitaram livremente participar da pesquisa após serem esclarecidos do caráter da mesma e terem firmada sua garantia de preservação da identidade.

Como forma de contextualizar a pesquisa, iniciamos o diálogo com um momento de indagação de dados básicos como tempo de residência no Brasil e sobre conhecimentos prévios ou não em relação à Língua Portuguesa. E1 afirmou ter se estabelecido no Brasil há seis anos, quatro deles em Francisco Beltrão – PR, enquanto E2 afirmou ter vindo direto para Francisco Beltrão há dois anos e seis meses.

Quanto a conhecimentos prévios da Língua Portuguesa, E1 afirmou que, por ter crescido em Palopi, Guiné Bissau, já tinha algum conhecimento, porém, afirmou sentir dificuldades de comunicação ao chegar no Brasil. Podemos identificar tais traços nas transcrições abaixo:

E1. [00:00:47] olha eu eu não sei se eh:: eh::... você sabe eu já venho de país que fala língua portuguesa... [...] eu sou de Palopi... eu sou da Guiné Bissau sih... [...] que fica na África ocidental então esse país é colonizado por portugueses... [...] só que eh:::... a Guiné Bissau a gente estuda na verdade a língua portuguesa só que a gente fala ele muito pouco somente [...] nas:: na sala de aula ou nas escritórios assim... porque a gente tem uma língua que... geralmente (o caso) que que nos tamo falando a língua de local que é Crioulo... [...] a gente domina mais esse língua que fala mais pela rua pela famílias assim... eu tenho que também a minha língua étnica néh... o língua do grupo étnico que é Fula (chama assí de Fula) e:: língua portuguesa é CLARo eu quando que eu cheguei no Brasil eu lembro alí em São Paulo... eu cumprimentavam pessoas assim pra ele ficavam assim porque eu falava tudo bem pra eles e era tudo bom que eu falava néh

P. [00:01:47] sim um pouco diferente...?

E1. [00:01:45] entón ... sim um pouco mais pesado que língua portu/ do:: do... Portugal (néh) [...]alí ele... a pessoa me imitava así/... eu falando assim eles imitavam porque a minha português era tava mais pesado para eles [...] táh ficava muito pesado... mas e:: assim de forma de orientação eu acho que todo ser humano (teve) se você vai para um lugar do mundo que nunca você segue você foi... se você segue nesse lugar sempre você encontra com aquele dificuldade de de mal informação de de:: de:: de pedi para pessoa (te informá)

Já, quanto ao imigrante E2, afirmou não possuir conhecimento da Língua Portuguesa antes de chegar no Brasil, encontrando apoio no conhecimento prévio da Língua Espanhola para driblar as dificuldades:

E2 [00:08:09] sim eu quando eu chego aqui no Brasil... eu chego ((ruído)) aqui sabendo um pouco de Espanhol (eu) básico de comunicação (um pouco de Francês) eu quando chegou aqui eu... eu tenho eu consigo: eu... (tem um) uma frase eu consigo assim saber o que você quer fazer.

Com relação específica à dificuldade de comunicação, E2 trata de uma situação em que não conseguiu estabelecer comunicação em um aeroporto:

E2. [00:10:20] eu eu eu acho que eu não me lembro bem... (quando) primeira vez quando eu chego no::... aeroporto de São Paulo... chama... gua/ gua/ ... [(Guarulhos)

E1. [00:10:30] Guarulhos

E2. [00:10:30] sim... eu procuro da empresa de (TAM) chama téin o nome né? [

P. [00:10:36] TAM?

E2. [00:10:36] sim

P. [00:10:36] ah sim

E2. [00:10:36] EU eu não consigo pronunciar bem ()... téin eu falo téin SIM... você procura ninguém eu acho que esse empresa não tem ((ruído))sim eu comecei procurar eu chamava ()policiales de ((ruídos)) ()

P. [00:10:49] [sim ningué/ conseguia te ajudar...?

A partir desse último relato, ambos os entrevistados passam a interagir no diálogo comum e concordar mutuamente sobre a diferença por eles encontrada entre relações interlocutivas com interlocutores não habituados a se comunicar com estrangeiros e com interlocutores já habituados a estabelecer comunicação com falantes de um idioma distinto.

Em suas falas, é possível perceber referências a atores que representam ao menos três papéis sociais distintos: a) referem-se a si próprios como atores no papel de imigrantes na busca pelo domínio da nova língua para que, com ela, possam ser compreendidos; b) falam de atores cujo papel social é o de residentes brasileiros que dominam o Português como único idioma; e c) falam de atores cujo papel social é representado por pessoas que já possuem domínio de outras línguas e/ou já estão acostumados a interagir com interlocutores no papel social de “estrangeiros” em fase de adaptação linguística e/ou de outros com apenas um mínimo de conhecimento de sua língua.

Sobre o primeiro papel, E1 destaca a questão da situação partilhada por migrantes. Ele afirma que, em sua opinião, todo o migrante enfrenta dificuldades linguísticas:

E1. [00:01:58]tah ficava muito pesado... mas e:: assim de forma de orientação eu acho que todo ser humano (teve) se você vai para um lugar do mundo que nunca você segue você foi... se você segue nesse lugar sempre você encontra com aquele dificuldade de de mal informaçõ de de::

Sobre o segundo papel, E2 utiliza-se, como no excerto abaixo, de exemplos de pessoas jovens ou com mais idade, situando-os na condição de pessoas com menor probabilidade de ter entrado em contato com estrangeiros, as falas parecem representar pessoas que não têm ou nunca tiveram a necessidade de vivenciar a mesma situação do imigrante, portanto, pouco ou nunca tiveram contato com uma interlíngua, não tendo a mesma habilidade de prever a relativa estabilidade de enunciados e significados:

E2. [00:09:23] a problema é quando você vai chega por exemplo um iDOso na rua...
 P. [00:09:28] sim
 E25. [00:09:28] uma coisa você fala pra ele PORTUGUÊS que você acha certo... ele não vai entender
 P. [00:09:32] não vai entender...?
 E2. [00:09:33] sim
 P. [00:09:33] é uma barreira do ouvido...uma } barreira::
 (...) }
 E2. [00:09:35] } sim um
 idoso de (setenta) cinquenta quarenta até jovens se você talvez fala pra ele uma frase ele não consegue entender...

Por fim, o terceiro papel é reconhecido nas falas de ambos, quando mencionam, por exemplo, no caso de E2, colegas de trabalho que sequer falam português ou mesmo um idioma internacional em comum. Na sua fala inicial, E2 relata ter poucos problemas de comunicação no trabalho, visto que interage com muitos estrangeiros. Para ele, a dificuldade se apresenta nas relações interlocutivas com brasileiros no cotidiano das ruas da cidade.

- E1. [00:09:50] cabeça aberta
 P. [00:09:51] é uma abertura... aha
 E2. [00:09:52] é uma cabeça e () consegue de as vezes se você fala expressão ele já sabe que que é expressão expression (depois ele) ele tem um cálculo rápido pra ()
 P. [00:10:01] sim
 E2. [00:10:01] na rua não... na rua não não vai ter dificuldade de pronúncia/... se você as vezes fala uma frase tipo... uma frase assim...um frase ah.... qualquer frase (pra um brasileiro) ele não vai conseguir entender.... ()

Adiante, E2 mantém seu entendimento ao explicar:

- E2. [00:11:24] porque pessoa ele já tá (dado) ele já ele pode conversa com pessoa que não sabe nada pessoa que não sabe um pouco de English (tem por tem) pessoa de (trabalha com nós de) Pakistan (em Beltrão) que não sabe NADA de English... ((ruído)) não sabe NADA... mas você consegue conversar com ele
 P. [00:11:39] sim ((ruído))
 E2. [00:11:39] porque tem
 P. [00:11:41] tá acostumado
 E1. [00:12:31] acostumado de...
 P. [00:11:42] éh::... eu:: a minha mãe falava italiano em casa o pai ele... fala alemão mas ele:: não compartilha muito...
 E2. [00:11:49] sim
 P. [00:11:49] e aí eu fiquei esse tempo fora:: falo também um pouco de Espanhol:: então você tá habituADO: a:: ouvir: néh::
 E2. [00:11:54] então você tem aquele () (alí) o ferramenta...
 E1. [00:11:56] você tem mais a ferramenta aberta ((ruído))

Demais relatos das suas experiências na relação interlocutiva com atores representantes do terceiro papel, como supramencionado, enfatizam termos como: “cabeça aberta”, “abertura”, “possuir a ferramenta”, “ferramenta aberta”, “decodificação da mensagem”, “abrir o código”, “senhas de abrir o código”.

Aqui, a noção de situação partilhada por imigrantes e indivíduos conhecedores de uma língua adicional é sustentada como fator positivo para a negociação de sentidos. Não há da parte dos entrevistados, nem cabe a nós advogar a existência de qualquer padrão dessa interlíngua entre falantes de diferentes idiomas, o que, para nós, parece haver, é a partilha ou não da situação vivida, a consciência de uma linguagem em desenvolvimento, uma modalidade genérico-discursiva dominada por interlocutores em papéis sociais

semelhantes que podem, entre si, prever significados com maior grau de assertividade.

A ideia da situação partilhada também fica evidente quando os entrevistados descobrem que a pesquisadora já viveu situação semelhante, tanto fora do país quanto em contato com estrangeiros no Brasil. Podemos afirmar que a pesquisadora passa a ocupar um papel social, durante a entrevista, não apenas de pesquisadora, mas de alguém que compartilha semelhanças com os imigrantes.

Em um desses trechos de diálogo, E1 fala de uma certa habilidade de compreensão linguística de pessoas que já estiveram em outros países ou já tiveram a oportunidade de se relacionar com falantes de outras línguas, ele inclui em sua fala a experiência de P, ao referir-se à sua vivência em outro país. Logo abaixo, E2 trata do mesmo assunto ao comparar a experiência linguageira com sistemas codificados para os quais senhas são necessárias, ele também refere-se à relação interlocutiva durante a entrevista com P, indagando se esta compreende tudo o que fala:

- E1. [00:12:19] eu eu eu falo um pouco de Inglês... mas eu não foi sentar pra escr/... pra ler/ estudar Inglês... mas assim com amigos conversava...[...] eu aprendo... ((ruído)) (exemplo lá africanos você viu) ele... nós estamos aqui em quatro... um pode falar Francês un[] pode falar Inglês porque é muito mistura sabe... (é muito) aquele contato.. então isso que você tem porque você já saiu fora... você já... (tem pressón de de) de entender a língua... isso ajuda muito
- E2. [00:12:46] chama codificação da mensagem...
- E1. [00:12:49] ah ha ah[] ha:
- P. [00:12:49] [] sim
- E2. [00:12:49] [] chama tem um é como abrir chama código ah? [...] tem SENHAS... de abrir código... ah mmm aqui no Brasil acho que não não sei () tem minha experiência com os idosos você fala con eles português... você consegue entender agora ou não? o que estou falando eu... sim?
- P. [00:13:04] sim tudo

E2 Continua afirmando:

- E2. [00:13:34] [...] apesar que a gente eu acho que está falando Português... O MÍNIMO de português certo...
- P. [00:13:39] sim
- E2. [00:13:39] mas as pessoas não conseguem entender

Selinker (2014) também traz à tona essa noção de codificação em se tratando de interlíngua, ele a trata como um “sistema de significação”, ou seja, na tentativa de estabelecer comunicação, os falantes podem produzir frases/enunciados truncados, e por vezes com uma certa transferência

gramatical entre dois ou mais idiomas. Assim, para Selinker (2014, p. 232), “Precisamos codificar a semântica da interlíngua de tais frases de modo lógico. Em termos de análise de interlíngua, elas não devem ser vistas como erros, mas como codificações semânticas da própria interlíngua [...]” (tradução nossa).

Como parte da vida real, a partir dos relatos expostos, arriscamo-nos a reconhecer nesse terceiro grupo de interlocutores atores acostumados não apenas com a presença de um estrangeiro, mas, também, com um campo da atividade humana relativamente estabilizada, cujos discursos produzidos podem ser reconhecidos como pertencentes à modalidade genérico-discursiva *diálogo do cotidiano entre falantes de diferentes idiomas*.

A situação real identificada como semelhante para os imigrantes é a relativa estabilidade na qual uns se identificam com os outros, ao passo que cada qual transfere de sua própria língua materna os modelos de gramática e modelos de enunciados.

Assim, em nossa visão, para além da simples busca pelo domínio da língua em termos lexicais e gramaticais, o paulatino domínio de gêneros e modalidades de gêneros discursivos relativo à língua-alvo, Língua Portuguesa neste caso, lhes ampliará a capacidade de produção e negociação de sentidos nas mais diversas situações cotidianas e relações interlocutivas.

Assim, nossas considerações inclinam-se para o entendimento de que indivíduos que passam a dominar uma modalidade genérico-discursiva têm maior propensão a adquirirem aquela capacidade, como dito, de “[...] moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, [...] adivinhamos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. ”. (BAKHTIN, 2003, p. 283).

5 Considerações finais

Neste trabalho, discutimos a negociação de sentidos a partir do ponto de vista da relação interlocutiva entre atores representantes de papéis específicos de uma modalidade genérico-discursiva, a saber: o *diálogo do cotidiano entre falantes de diferentes idiomas*. Nossa base de produção de dados foi uma entrevista com dois imigrantes estrangeiros estabelecidos no Brasil, os quais relatam tanto suas dificuldades de engajamento sociolinguístico no Brasil, como sua própria noção empírica das situações interlocutivas em que se sentem ou não compreendidos.

Nossa fundamentação teórica residiu essencialmente em Bakhtin (2003) e na sua teoria dos gêneros do discurso. Amparamo-nos também em Selinker (2014) para compreender a relativa estabilidade da relação interlocutiva entre aprendizes e falantes de diferentes idiomas.

Como proposto por Bakhtin (2003, p. 278), parece-nos que o que está em jogo durante a negociação de sentidos não é unicamente a necessidade do aprendizado e domínio de uma língua em sua complexidade sintático-gramatical, visto que a comunicação não corresponde à mera troca de palavras gramaticalmente organizadas, mas sim à troca de enunciados reais, verbalizados por determinados atores em seus papéis sociais e destinados a outros interlocutores.

As situações partilhadas entre os seres humanos em seus diversos contextos requerem que haja um constante desenvolvimento e domínio de padrões envolvidos na relativa estabilidade das mais diversas esferas de atividade, e de igual modo, nas esferas da comunicação discursiva.

É importante, então, mencionar que em hipótese alguma nos cabe dizer que o grupo representante do segundo tipo de relação interlocutiva (os brasileiros habituados apenas com o Português) têm o dever unilateral de familiarizar-se com a modalidade genérico-discursiva aqui estudada, muito menos que ao imigrante estrangeiro não lhe cabe a necessidade de estudar e procurar desenvolver seus conhecimentos sintático-gramaticais de Língua Portuguesa.

Resta-nos, por fim, afirmar que o domínio de um gênero do discurso e/ou modalidade genérico-discursiva possui implicação de marcante relevância de modo a contribuir positivamente para a produção e negociação de sentido durante uma atividade real de comunicação. Em adição, compreendemos que, por haver mais fatores envolvidos na produção de enunciados e negociação de sentidos, estudos mais avançados são necessários para aprofundar a temática e analisar a mesma modalidade de gênero e sua relação interlocutiva sob a ótica dos demais interlocutores.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- FERNANDES, D. M.; CASTRO, M. C. G. **Estudo sobre a migração haitiana ao Brasil diálogo bilateral**. 2014. Disponível em

<http://portal.mte.gov.br/trab_estrang/publicacoes.html>. Acessado em 13 de set. de 2015.

MARXS, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego. **Relatório de autorizações de trabalho concedidas para estrangeiros pela Coordenação Geral de Imigração do (CGIg) e pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) do Ministério do Trabalho e Emprego de 2014**. Brasília, DF: Coordenação Geral de Imigração - CGIg Conselho Nacional de Imigração - CNIg, 2015. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/images/Documentos/Trabalhoestrangeiro/Estatisticas/CGIg-2014-FinalCompleto.pdf>> Acesso em 20 de nov. de 2015.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. 4. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 1999. Série Projetos Paralelos: V1. p. 8 -12.

SELINKER, L. Interlanguage 40 years on: Three themes from here. *In*: HAN, Z. H.; TARONE, E. (editors) **Interlanguage Forty years later**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 223-243.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em setembro de 2017.

Aprovado em 15 abril de 2018.

Publicado em 30 de junho de 2018.

SOBRE OS AUTORES

Anselmo Pereira de Lima é doutor e mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP - 2003-2008). Licenciado em Letras Português-Inglês pelas Faculdades Oswaldo Cruz, em São Paulo (FOC-SP - 1999-2002). Bacharelado em Direito em andamento na Faculdade Mater Dei (MD - 2017). Estágio de Doutorado na Equipe Clínica da Atividade do Departamento de Psicologia do Trabalho do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM) de Paris - França - como bolsista CAPES (2006-2007). Estágio de Pós-Doutorado na Faculdade de Educação e Desenvolvimento Humano da University of Delaware (UDel) com colaborações na LaGuardia Community College of The City University of New York (CUNY) - Estados Unidos - como bolsista CAPES-FULBRIGHT (2013-2014). Professor Associado I da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco, onde atua como Professor-Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e no Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Líder do

Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Atividade e Desenvolvimento Humano (LAD'Humano). Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq ATELIER Linguagem e Trabalho (PUC-SP) e Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens (UCPEL). Interessa-se, principalmente, por iniciativas de ensino, pesquisa e extensão com foco em relações entre Linguagem, Educação, Trabalho e Direito na linha dos escritos de Bakhtin e do Círculo e de Vygotsky e seus Colaboradores.
anselmo@utfpr.edu.br

Maria de Lourdes Bernartt é doutora e mestre em Educação (Unicamp). Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Campus Pato Branco. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da UTFPR, na Linha Educação e Desenvolvimento, na qual orienta no Mestrado e no Doutorado, os temas: Políticas públicas de educação e de desenvolvimento; Políticas públicas de educação para populações do campo; Políticas públicas migratórias; Políticas públicas para pessoas idosas; Educação em direitos humanos & diversidades. Líder do Grupo de Pesquisa - GEPEL- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Linguagem. Membro do Centro de Pesquisa e Apoio ao desenvolvimento Regional (CEPAD). Membro do Grupo de Estudos sobre Imigrações para o Oeste de Santa Catarina (GEIROSC).
E-mail: marial@utfpr.edu.br

Anais Andrea Neis de Oliveira é mestre em Letras (Linguística) pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco. Interessa-se por pesquisas e projetos envolvendo linguagem em contextos educacionais e de trabalho, imigração, formação continuada e identidade profissional docente (docentes de LEM).
E-mail: anais@utfpr.edu.br